

MERCADO EXTERNO

ÁSIA: Os números conhecidos no mercado asiático foram contraditórios, mas as bolsas de valores da região voltaram a subir na sessão desta sexta-feira. A bolsa de Tóquio avançou 1,89%, a de Hong Kong, 1,68%, Xangai, 2,72%, e a bolsa de Seul apresentou ganhos de 1,47%, renovando sua pontuação máxima do ano de 2009. As ações das empresas do setor de eletrônicos tiveram bom desempenho, reagindo ao resultado da japonesa Sony, que informou um prejuízo menor do que o esperado. Com relação aos dados de atividade, a produção industrial da Coreia do Sul avançou 5,7% em junho. Já a inflação ao consumidor do Japão caiu 1,7% no mês de junho em base anualizada, uma deflação recorde. Uma agência de notícias da China informou que a concessão de empréstimos no país registrou forte queda no primeiro semestre de 2009.

EUROPA: As bolsas europeias seguiram apresentando ganhos na sessão de ontem. A bolsa de Londres subiu 1,85%, a de Paris, 2,08%, e a bolsa de Frankfurt avançou 1,71%. Destaque para as ações das empresas mineradoras, que repercutiram a forte alta dos preços dos metais após melhores perspectivas de crescimento da demanda da China. Os números da economia da região e os balanços pouco melhores do que as estimativas seguem aumentando o apetite por risco. Os dados de emprego da Alemanha superaram as projeções e apontaram queda no número de desempregados. Na Zona do Euro, o índice de confiança atingiu a pontuação máxima dos últimos 8 meses. Na manhã desta sexta-feira as bolsas europeias operam com pequenas quedas. A mineradora Anglo American anunciou um declínio de 30% do seu lucro líquido nos primeiros seis meses de 2009 ante o mesmo período do ano passado. Entre os indicadores de atividade, a taxa de desemprego da Zona do Euro subiu para 9,4% em junho, o maior patamar dos últimos 10 anos, e a inflação ao consumidor da região apresentou queda anual de 0,6% no mês de julho.

EUA: Os principais índices do mercado de ações de Wall Street voltaram a subir na tarde de ontem e reverteram as perdas apresentadas na véspera. O Dow Jones avançou 0,92%, o S&P-500, 1,19%, e o Nasdaq subiu 0,84%. O Dow Jones, por sinal, atingiu sua pontuação máxima do ano. Ao contrário das duas sessões precedentes, quando foram divulgados números da economia americana abaixo do esperado e resultados corporativos pouco animadores, desta vez o noticiário deu fôlego a uma nova alta das bolsas em todo o mundo. O BC chinês sinalizou que irá estimular as concessões de crédito ao consumidor, a produção industrial japonesa mostrou recuperação no mês de junho e os pedidos de seguro-desemprego nos EUA surpreenderam positivamente os investidores. Os preços das commodities voltaram a subir. O preço do barril de petróleo avançou 5,7% e voltou a ser cotado próximo de US\$ 67. Uma bateria de indicadores está prevista para esta sexta-feira: 9h30 – PIB dos EUA (prev. -1,5%); 9h30 – Consumo pessoal (prev. -0,5%); 9h30 – Deflator do PIB (prev. 1%); 10h45 – Índice dos gerentes de compra de Chicago (prev. 43).

MERCADO INTERNO

JUROS: As taxas dos principais contratos negociados no mercado de juros futuros dispararam após a divulgação da ata do Copom na manhã de ontem. Apesar da manutenção das expectativas de um cenário inflacionário benigno e de que a margem de ociosidade dos fatores de produção não deva ser eliminada rapidamente, o documento ressaltou que há incertezas sobre o ritmo de recuperação da atividade econômica. A entidade defendeu uma maior cautela para os próximos passos da política monetária e não fez nenhuma menção sobre eventual margem residual para redução da taxa de juros. O DI jan/11 disparou de 9,72% para 9,85% aa e o DI jan/12 subiu de 10,88% para 11,01% aa. Ontem também foi conhecido o IGP-M do mês de julho, que caiu 0,43% em relação a junho, uma retração maior do que as estimativas do mercado. Em base anual, registrou

deflação de 0,67%. No entanto, acabou não influenciando os investidores. O risco-país encerrou a quinta-feira estável, aos 254 pontos.

CÂMBIO: Um dia depois de ter recuperado o patamar de R\$ 1,90, o dólar reverteu a trajetória de alta e apresentou expressiva desvalorização. A taxa comercial da moeda norte-americana desabou 1,57% e encerrou a sessão de ontem cotada a R\$ 1,874 nas operações de venda, a menor cotação do ano de 2009. O dia foi de otimismo no mercado internacional. Desta vez os poucos números de atividade conhecidos não influenciaram os negócios e os resultados corporativos, na média, foram superiores às previsões. Os preços das commodities recuperaram as fortes perdas da véspera. Como de costume, o Banco Central comprou divisas no mercado à vista a taxa de corte de R\$ 1,8879, porém a atuação não foi suficiente para impedir a forte desvalorização do dólar.

BOLSA DE VALORES: Após dois dias seguidos de perdas, a bolsa de valores de São Paulo voltou a apresentar alta na sessão de ontem. O Ibovespa subiu 1,38% e encerrou a quinta-feira aos 54.478 pontos. Operando em alta desde a abertura do pregão, na máxima do dia o índice chegou a subir 2,5%. No mês de julho a bolsa acumula ganhos de 5,86%. O mercado local continuou acompanhando as bolsas de valores dos EUA. Boas notícias vindas do exterior, como a sinalização do banco central da China de que utilizará os meios necessários para estimular a concessão de crédito no país, o avanço da produção industrial no Japão e novos resultados de empresas deram impulso às compras em todo o mundo. Por sinal, a melhora do mercado chinês deu fôlego à recuperação dos preços das commodities no mercado internacional. O preço do petróleo disparou 5,7% e voltou a ser cotado acima de US\$ 66. Na bolsa brasileira, destaque para as ações das siderúrgicas Usiminas (+3,6%) e CSN (+2,7%).

Carlos Acquisti
Economista

Infinity Asset Management
www.infinityasset.com.br

Este relatório é destinado aos clientes da Infinity Asset Management. As informações aqui apresentadas foram baseadas em fontes oficiais e de ampla difusão. A Infinity não se responsabiliza por eventuais divergências e/ou omissões. As opiniões e informações aqui constantes são exclusivamente informativas e não devem ser entendidas, em hipótese alguma, como uma oferta para comprar ou vender títulos e valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.